

Revestimentos em castelos portugueses

Séculos XV e XVI



Fig. 1 - Interior da alcáçova de Moura, vendo-se à direita da porta da vila o revestimento e à esquerda a sua ausência, determinada por obras de restauro

INTRODUÇÃO

Há muito que a imagem tradicional dos castelos portugueses é marcada pela simplicidade das suas formas construídas, pelo despojamento do seu espaço interior ou pela austeridade do seu aspecto exclusivamente pétreo. Para tal contribuiu, em boa medida, a ampla campanha de obras empreendida pela DGEMN, norteada sobretudo pelo princípio ideológico de afirmar estas fortificações como uma evocação dos tempos heróicos em que se forjava a nacionalidade na luta contra castelhanos ou muçulmanos, num ambiente de severidade ascética. É aquele último arquétipo que aqui pretendemos abordar, não com o intuito de classificação ou estudo, mas tão só reflectir sobre a cronologia de um tipo de revestimento que subsiste

em alguns destes castelos.

Efectivamente, sabemos que em muitas daquelas intervenções foram removidos revestimentos existentes nos panos de muralha, tidos como resultantes da instalação de habitações no interior destes recintos, após a perda da sua função militar inicial. Em certos casos, esta atribuição era correcta, observando-se diversas camadas originárias de uma urbanização mais ou menos contemporânea, mas noutros estar-se-ia antes a eliminar componentes com origem na fundação ou, mais habitualmente, em reformas empreendidas nos finais da Idade Média ou nos inícios da Idade Moderna. Ressalve-se que este tipo de "limpezas" teve continuidade até praticamente aos nossos dias, só passando mais recentemente a merecer outros cuidados,

nomeadamente por via da arqueologia da arquitectura.

REVESTIMENTOS EM CASTELOS PORTUGUESES

São numerosos os casos de fortificações em que se observam vestígios, por vezes muito escassos e erodidos, de um tipo de revestimento composto por camada de argamassa com grande percentagem de cal, deixando a descoberto motivo circular ou quadrangular. Esta cobertura, habitualmente de cor branca, surge ainda com tom mais amarelado, provavelmente pela variação das componentes de fabrico da argamassa, talvez também pelo grau de exposição aos agentes erosivos. Trata-se de um tipo de revestimento que cobriu as superfícies exterior e interior das muralhas e torres de alguns castelos, em determinado momento da sua história, escondendo por isso a sua alvenaria constitutiva¹. Desconhecendo-se a sua funcionalidade, foi atribuído, no caso de Moura, a uma decoração reveladora da influência da arquitectura militar italiana em Portugal².

De facto, este é um dos melhores exemplos de permanência deste tipo de revestimento em monumentos militares portugueses, encontrando-se hoje nas duas torres quadrangulares que limitam o muro divisor entre a alcáçova e a vila fortificada, no segmento Sul deste muro e, a Este da cerca da vila, na denominada torre da Salúquia, de formato ultra-circular. Refira-se que, em 1938, este subsistia ainda em toda aquela muralha e torres divisórias, bem como noutra torre semi-circular a Sudeste, denominada Torre do Relógio; o seu desaparecimento relaciona-se com o tipo de campanhas de "limpeza" a que fizemos referência,



Fig. 2 – Torre sudeste do castelo de Portel coberta de revestimento, junto à torre de menagem (1966)



Fig. 3 – Torre de menagem do castelo de Elvas vista de Oeste, com escassos vestígios do revestimento (1941)

quando foram demolidas também muitas habitações³. A datação deste revestimento é atribuída ao reinado de D. Manuel I, época da última campanha de obras neste espaço, mais precisamente aos trabalhos realizados cerca de 1510 sob direcção de Francisco de Arruda, mestre que se notabilizou na fortificação de Azamor em Marrocos, ou na Torre de Belém no Reino, expoentes da arquitectura militar deste período⁴. Nesta jornada foram igualmente intervencionados os castelos de Mourão e Portel, entregues na mesma empreitada a Arruda, realizando-se então obras em Mértola, Serpa e Noudar⁵. Preservam-se em alguns destes castelos vestígios deste mesmo revestimento: em Mourão, confinado a fragmentos do pano de muralha mais abrigados dos agentes erosivos; em Portel, sobretudo na torre ultra-semicircular sudeste do castelo, cobrindo a superfície externa; em Serpa na face exterior do lanço Este da alcáçova. Com importante obra no reinado de D. João II, prolongando-se para o seu sucessor, cite-se ainda o caso de Elvas, onde em 1941 persistiam estes motivos na torre de menagem e outros sectores, restando hoje pequenos segmentos na face interior da muralha. Muitos outros exemplos poderiam citar-se, aliás também no Norte do país, de fortifi-

cações que, fortemente intervencionadas nos finais de quatrocentos ou inícios da centúria seguinte, conservavam este tipo de revestimento, indicando-se assim uma datação provisória. A chave para a confirmação da antiguidade deste elemento encontrar-se-á, porém, em Marrocos.

REVESTIMENTOS EM FORTIFICAÇÕES MARROQUINAS

O Norte de África foi o principal palco da expansão portuguesa até ao reinado de D. Manuel I, o único onde participaram pessoalmente os monarcas e a alta fidalguia e onde a Coroa empregou os maiores recursos. Tal facto, aliado a um permanente quotidiano de guerra e a uma conquista de cariz urbana e costeira, determinou que fosse esta a região onde a realza mais investiu em fortificações. Assim, praticamente todas as povoações ocupadas pelos portugueses no Magreb conservam vastos e complexos sistemas defensivos, desenvolvidos entre o século XV e meados do XVI. Tal é o caso de Arzila, onde sobretudo após o cerco do rei de Fez de 1508 se desenvolveu um amplo programa de renovação das suas estruturas militares, sob o mando do então mestre de obras do Reino, o francês Diogo Boytac, autor do mosteiro dos Jerónimos em Lisboa. Estas obras implicaram altera-

ções muito significativas no dispositivo existente, tanto na cava e terreno contíguo, como na cerca e castelo da vila⁶.

Foi precisamente em Arzila que viemos a detectar vestígios do mesmo tipo de revestimento que havíamos identificado nos referidos castelos da fronteira portuguesa. Conservam-se trechos deste, formado por argamassa de tom bege, por vezes escurificada, com o mesmo tipo de motivo circular, nas seguintes secções do perímetro defensivo: torre quadrangular a Noroeste do castelo, entre o



Fig. 4 – Torre Noroeste do castelo de Arzila, entre o baluarte da Praia e a porta da Ribeira



Fig. 5 – Muralha Sul do castelo e vila de Arzila, vendo-se à esquerda o baluarte da Vila

baluarte da Praia e a porta da Ribeira; pano exterior Sul deste recinto e da Vila, entre os baluartes de Santa Cruz e da Vila; já muito erodido, no troço de muralha da vila entre os baluartes de Tambalalão e António da Fonseca. Note-se que a aplicação deste revestimento subsiste nas muralhas, tanto na zona superior dos adarves, como na base em talude, embora neste caso logicamente mais desgastados.

Não nos parece crível que este revestimento possa datar de época anterior à campanha de 1508-09, nem mesmo às acções comprovadamente levadas a cabo em Arzila em 1498, dada a amplitude dos trabalhos desenvolvidos sob ordens de Boytac. Fica, pois, a hipótese deste ter sido aplicado em época posterior, embora no máximo até 1550, quando a vila foi abandonada pelos portugueses, não sendo convincente que o tenham feito na sua fugaz reocupação de 1576-89.

Mas os exemplos marroquinos de utilização deste revestimento não se confinaram a esta praça, embora só

aqui seja possível observá-los nitidamente. O castelo e a couraça da arruinada Alcácer Ceguer, objecto de significativa renovação manuelina, mostram ainda ténues indícios. Os potentes baluartes de São Cristóvão e do Raio em Azamor, obras do já referido Francisco de Arruda e do seu irmão Diogo, desenvolvidas a partir de 1514, evidenciavam-no ainda em fotografias recentes⁷, tendo o seu desaparecimento ficado a dever-se à cobertura completa com argamassa, realizada recentemente. Em todo o caso, os elementos disponíveis apontam com solidez para a cronologia anteriormente proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de pretendermos apresentar teses sobre este tema, julgamos ter reunido alguns elementos que provam a antiguidade de um certo tipo de revestimento em fortificações portuguesas. As limitadas balizas cronológicas de ocupação das mencionadas praças marroquinas onde este foi aplicado, passíveis ainda de redução às obras aqui realizadas em

finais do século XV e primeira metade da centúria seguinte, são o elemento fundamental de datação para os castelos nacionais, dada a inquestionável semelhança do revestimento aplicado.

Assim, desejamos nesta breve nota ter dado algum contributo para repensar a imagem dos dispositivos militares portugueses desta época⁸, esperando que as futuras intervenções de conservação tenham em conta e valorizem este elemento. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁽¹⁾ O revestimento de argamassa aqui descrito não se confunde com o que foi detectado no paço fortificado de Evoramonte, e que justificou certamente o restauro dos anos 80, pois este era constituído por uma camada uniforme de cal cinzenta cimentícia, de características bem diferentes da que aqui abordamos, não se verificando também o motivo circular ou quadrangular referido (*Evoramonte: a fortaleza*, Lisboa, IPPC, 1989, p. 7).

⁽²⁾ MACIAS, Santiago (1993) - "Moura na Baixa Idade Média: Elementos para um estudo Histórico e Arqueológico", in *Arqueologia Medieval*, n.º 2. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola / Edições Afrontamento, p. 127-157.

⁽³⁾ Conforme os processos na DGEMN, DSID, 59-60 e 129-132., o revestimento da torre de menagem parece resultar de um restauro contemporâneo.

⁽⁴⁾ MOREIRA, Rafael (1999) - "A época manuelina". In *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa, Alfa, p. 91-142; DIAS, Pedro (1988) - *A arquitectura manuelina*. Porto, Civilização, p. 234 e ss.

⁽⁵⁾ Vejam-se as cartas ao rei de Nuno Velho, encarregue de visitar as obras da comarca do Alentejo, de 20 de Fevereiro e 14 de Março de 1510, publicadas em VITERBO, Sousa (1988) - *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. I, p. 55-58.

⁽⁶⁾ MOREIRA, Rafael (2001) - "História / Histoire". In *Arzila Torre de Menagem / Le Donjon d'Asilah*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

⁽⁷⁾ MOREIRA, Rafael (1999) - "A época manuelina". In op. Cit., p. 135-36.

⁽⁸⁾ No que respeita ao Oriente fizemo-lo em "A fortificação manuelina de Cananor". In *Murphy. Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo*, n.º 1. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Março 2006, p. 164-79, estando no prelo *As Primeiras Fortalezas do Estado da Índia e a Arquitectura Militar no Reinado de D. Manuel I*. Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa.

ANDRÉ TEIXEIRA,
Arqueólogo, CHAM - Centro de história
de Além-Mar
Universidade Nova de Lisboa